



GOVERNABILIDADE MUNDIAL E LIDERANÇA DE HOMENS E MULHERES

O enorme prazer de estar no Brasil e de me dirigir a brasileiros. Miguel Torga que, quando rapazinho pobre de trás-os-Montes fora mandado aos 14 anos para a fazenda de um tio no Brasil, escreveu num dos seus diários:

"Só podemos saber o que é ser português quando se esteve ao Brasil."

Tinha pensado fazer uma elaboração teórica sobre o tema que nos foi dado mas em vez disso é um exercício prático a que me vou dedicar. Daí as descontinuidades visíveis de temas e de estilos.

1. Tentarei enquadrar o que tenho a dizer,
2. Desenvolverei a governabilidade no momento que atravessamos,
3. Acrescentarei os outros grandes domínios da governabilidade,
4. Invocarei algumas das notas dominantes da liderança das mulheres.

INTRODUÇÃO



Se é certo que uma reflexão é sempre contextualizada no tempo e no espaço, falar, neste dia, de governabilidade no mundo é rever o que da imensa tragédia do dia 11 nos foi mostrado e saber que neste continente, no continente onde vivo, em todos os continentes do planeta, toda a gente se interroga, toda a gente se sente emocionada, compadecida, inquieta e perplexa.

E vem-me ao pensamento quatro linhas de Fernando Pessoa, no seu heterónimo Álvaro de Campos quando escreveu:

*"Tudo o que é humano me comove, porque sou humano.
Tudo me comove porque tenho,
Não uma semelhança com ideais ou doutrinas
Mas a vasta fraternidade com a humanidade inteira."*

Pois como é possível falar de governabilidade com lucidez e objectividade quando foram ultrapassadas todas as condições materiais em que ela assenta:



- a segurança das pessoas como expressão da dignidade do ser humano, dignidade de que nascem todos os seus direitos;
- o primado do direito e da justiça sobre a barbárie;
- a existência de Estados que cumpram a sua função fundamental de respeitar, defender e promover todos os direitos das suas populações;
- os mecanismos que impedem os actos loucos e assassinos?

Como é possível reflectir sobre a governabilidade quando nos acolhemos passivamente à sombra de um Estado a que chamámos de Estado-providência ou de um mercado que, na terminologia da ideologia dominante, se auto-regula e de que se fala como se de uma pessoa se tratasse?

Falávamos de governabilidade quando, com a década de 90, julgámos, pela série ininterrupta de Conferências das Nações unidas, que tínhamos aberto o caminho a uma agenda do séc XXI.

Pois não é certo que todas essas Conferências apontavam para uma ordem mundial mais humana?

- a conf, dos direitos da criança



- a conf. - aqui no Rio - sobre o ambiente e o desenvolvimento, a carta da Terra e a agenda 21
- a conf. sobre os direitos das mulheres enquanto direitos humanos
- a conf. sobre a população e o desenvolvimento onde se decidiu que as decisões relativas à procriação pertenciam aos seres humanos e não aos Estados
- a conferência sobre as mulheres e as condições de igualdade, desenvolvimento e paz,
- a conf sobre a pessoa humana no centro do desenvolvimento social,
- as condições de habitabilidade para todas as populações.

Mas todas essas intenções,
Fundação Cuidar o Futuro
muitas solenemente assumidas por mais de uma centena de chefes de estado, foram engolidas pelo buraco negro de uma cultura rejeitando as suas referências éticas e revelando:

- cada pessoa guiada pelo seu individualismo, quando não hedonismo,
- cada país na defesa dos seus interesses próprios,
- a sociedade e a civilização na euforia da acumulação e do consumo e presas da erotização da violência.

Poucos se preocuparam em dar corpo a essa agenda. Talvez porque se convenceram que em 1989 tudo ficava definitivamente resolvido e apenas valia a pena continuar no seguimento da "vitória do capitalismo". Foi isso que entendeu, com uma percepção premonitória, Rahjni Kothari, pensador indiano, fundador do centro de estudos do desenvolvimento de Nova Delhi. Pouco depois da queda do muro de Berlim ele nos alertou para a paralização de propostas alternativas. Ele tinha razão: ficámos sujeitos à tirania da falta de alternativas. (Foi talvez essa verificação, muito mal compreendida e interpretada, que terá levado a falar de "fim da história"!)

O mundo ficou vazio, com a supremacia do que passou a chamar-se de "pensamento único", i.e., a simples manutenção e universalização do já conhecido. Não se definiram objectivos, não se analisaram com cuidado as estratégias necessárias nem as finalidades últimas e as prioridades que elas requeriam.

É nesse vazio que ganham relevo as palavras de Gramsci que diz, melhor do que alguém o fêz até agora, o momento trágico que o mundo está a viver:

Conf. MLP



I PARTE - A GOVERNABILIDADE

Quando as acções monstruosas surgem, são mais exigentes as análises a fazer, mais urgentes as perspectivas a abrir, mais rigorosa a necessidade de clarificação de termos.

Por isso julgo importante alguma reflexão sobre o próprio conceito de governabilidade que não se limita, longe disso, à accção governativa. A governabilidade é uma potencialidade de toda a sociedade que requer:

- a definição exacta dos dados e dos factos
- a capacidade de extrair dessa definição o que se chama em linguagem empresarial "the core business", a questão central ou, em termos mais filosóficos, o paradoxo lógico que é a própria definição de qualquer problema
- uma vez os dados em equação, a formulação de cenários possíveis
- a clarificação dos actores e mecanismos requeridos por cada cenário e, sobretudo, pelo cenário mais verosímil



- a tomada de decisão na sede própria.

Se tentarmos aplicar este esquema de análise à situação actual temos de formular as questões ainda não respondidas:

- quem são as pessoas envolvidas?
quando nos falamos de 55 países onde estarão vivendo terroristas, quais são esses países? Dado que parece ser já inegável que os próprios EUA foram usados como rampa de lançamento desta gigantesca operação o que significa isso na acção interna americana?
- a natureza dos factos e das possíveis acções; em particular a clareza quanto ao carácter não religioso do atentado ... todas as religiões têm um ponto comum, a regra de ouro: "Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti, trata os outros como queres que te tratem". O suicídio anula a premissa fundamental desta regra de ouro.
- Temos visto ao longo dos dias desdobrarem-se vários cenários que, neste momento incluem a procura tão completa quanto possível da rede terrorista, o congelamento das suas contas bancárias, a determinação de quem vende armas aos terroristas - não esquecer que as armas entregues no início aos

talibãs o foram pelos EUA para combaterem as tropas russas -

- Os actores devem ser neste caso as Nações Unidas, em particular o seu Conselho de Segurança, que são a sede de uma governabilidade democrática face a esta marchandage patética que está a ter lugar nas conversações com a administração americana. A NATO se vier a ter lugar deveria ser apenas a pedido das Nações Unidas por estas não possuírem um corpo militar capaz de fazer a paz mas unicamente de impedir a guerra;
- a acção militar deve respeitar os princípios de qualquer acção armada:
 - distinguir os objectivos militares e civis
 - ser proporcional ao desafio encontrado
 - apenas o necessário para alcançar os objectivo militar evitando sofrimento desnecessário.

Mesmo que conseguíssemos elaborar um plano completo, sabemos que não se pode ter à partida a certeza sobre cada aspecto e, ainda menos, sobre o resultado final.

Entramos claramente e à vista de todos, num mundo mudado na sua forma de encarar as relações entre os povos.

Se as manifestações populares, por um lado, e a análise de cada um dos aspectos da globalização, por



outro, já requeriam uma nova maneira de olhar os fenômenos da sociedade global, o atentado do dia 11 tornou essa tarefa um imperativo.

Não é que o mundo tenha mudado subitamente nesse dia. O horror desse dia veio mostrar que essa mudança tem de ser re-orientada e que é urgente que o mundo encontre a liderança de que precisa.

Já não se trata apenas de relações entre Estados. A própria sociedade não se forja apenas no domínio nacional. (Ex: De diferentes países da Europa que continuam a falar unicamente da sociedade do seu país.)

A sociedade forja-se nas esferas conjugadas da nação/região/mundo.

As características de cada um destes níveis torna ainda mais complexo o sistema a construir.

Está em causa na governabilidade a atenção constante aos acontecimentos nesses três níveis e à sua permanente interacção. Só essa atenção permite a responsabilidade e a ética do cuidado, como já o intuíra nos anos 40 a grande pensadora Simone Weil.



Está em causa não uma política feita por políticos
espectadores mas feita por homens e mulheres capazes
de imaginar
uma regulação internacional mais definida e mais
transparente,
mais controlada e mais eficaz,
e, por tudo isso, mais democrática.

Vivemos num mundo de transição durante o período
que se seguiu ao fim da Guerra Fria mas tivemos a
ingenuidade de pensar que só os países saídos do
comunismo é que se encontravam num período de
transição. Ora a **transição diz respeito ao mundo
inteiro.**

A tragédia do dia 11 assentou no que se pode
considerar como o primeiro sinal dessa transição de
âmbito global. Revelou-se a uma escala não imaginada
a capacidade de pessoas, grupos, países até,
se cruzarem, comunicarem entre si,
estabelecerem sinergias nas auto-estradas do ciber-
espaço e, a partir daí,
constituírem verdadeiros "bunkers" imateriais.

O terrível pesadelo que o mundo tem estado a viver
leva-nos de um domínio de "relações internacionais"
que ligavam entre si os Estados e que se podiam



realizar bilateral ou multilateralmente para um mundo de entidades políticas interdependentes em que figuram os Estados, as regiões, a comunidade internacional, e indivíduos e grupos sem lugar nem estatuto definido.

Estamos perante um sistema complexo planetário sem precedentes na história do mundo. Um notável pensador americano, Richard Falk, escrevia-me ontem que essa "novidade" do terrorismo se caracterizou por três elementos que se reforçaram uns aos outros:

- a mudança do terrorismo caso por caso como tática para um terrorismo como guerra contra a sociedade civil, tanto simbolicamente como em termos de cataclismo maciço;
- a transformação da tecnologia do inimigo em armamento de destruição de milhares apenas através do acto simples de tomar de um avião;
- logo no primeiro dia um perito em informações dizia que as possibilidades da high-tech, embora totalmente dominadas pelos highjackers, deram lugar ao high-concept
- o compromisso de militantes em sacrificarem as suas vidas através de iniciativas por definição suicidárias.



A não-territorialidade acrescenta à vulnerabilidade do mundo moderno uma dimensão inédita e com a qual não sabemos como lidar.

Ao referir-se a essa vulnerabilidade, Filipe Gonzalez (que em termos de terrorismo sabe, por experiência de que está falando) interroga-se num artigo publicado na 2,a feira:

"Será possível avançar pelo caminho da governabilidade desta nova realidade planetária induzida pelo fenómeno da globalização da informação, de economia, das finanças, e... agora do terror?"

Em cada momento de um sistema complexo há, como no-lo mostram os físicos, e especialmente Ilya Prigogine, bifurcações, nós, de onde podem surgir diferentes ramos.

São momentos de grande instabilidade.

E não é apenas o comportamento da Bolsa que o mostra. Pessoas de grande força moral e intelectual têm-no dito estes dias: "I am frightened." ("Estou apavorado.")

Um pequeno parêntesis para nomear o medo. As crianças perguntam aos pais e professores se no seu país os prédios altos vão cair. Desenham torres a serem cortadas ao meio por aviões. Quase só usam o



preto para desenhar o que viram. Mas também os adultos, todos os adultos, exprimem, cada um à sua maneira, esse medo. É importante falar dele. É falando do medo que ele pode ser exorcizado. O medo é o sentimento normal perante a irracionalidade, o desvario do assassínio em massa, o total desprezo do ser humano que transforma passageiros inocentes de um avião em bombas humanas. A coragem que é pedida a toda a humanidade não é o esconder do medo mas a capacidade de continuar a vida sem a esvaziar de sentido, redobrando no empenhamento na luta contra tudo o que pode provocar actos tão inesperados e devastadores.

II PARTE - A GOVERNABILIDADE DA GLOBALIZAÇÃO

Fundação Cuidar o Futuro

Falei de um mundo já mudado mas que o horror do dia 11 e o que se está seguindo vem revelar. É particularmente verdade no que diz respeito à possibilidade de governabilidade de um mundo atravessado pela globalização de todas as áreas da vida humana.

Distinção entre:

- o que é relativo ao mundo em geral, que interessa o mundo inteiro



- o que se aplica ao mundo como um todo como um conjunto

Assim a globalização aparece como:

- fenómeno novo, só possível pela transformação científica e tecnológica
- causa da possibilidade única de comunicação instantânea
- atingindo todos os sectores da vida humana e, em alguns casos, mudando a natureza desses sectores

As grandes áreas da globalização:

1. a própria comunicação, instantânea, o mundo em rede

Fundação Cuidar o Futuro

Foi aqui que se inseriu a preparação do dial 11 - como impedir que se repita? Como controlar a Internet?? Propriedade intelectual? Limitação da privacidade da comunicação entre as pessoas?

Os conteúdos dos media, sobretudo TV devem ser regulados. Mas como resistir às audiometrias e ao desejo do lucro? (argumentação: o canal que só tem programas em português!!!)

2. A economia e as finanças



as primeiras áreas a aproveitar este progresso espectacular

Como regular este domínio?

Há vários mitos aqui.

O primeiro mito é o da auto-regulação do mercado.

Delors: o mercado é míope.

Os mercados têm um carácter espontaneamente instável e caótico, em particular na produção agrícola.

A intervenção pública é necessária para:

- assegurar a regulação e ajustar a evolução dos preços
- assegurar a remuneração aos produtores
- garantir a manutenção da produtividade agrícola

O segundo mito afirma que a concorrência tem a possibilidade de gerar a riqueza para todos.

Eos limites da competitividade? P.ex. ainda na agricultura há no mundo 1 bilião e trezentos milhões de produtores que praticam a agricultura manual enquanto apenas 28 milhões usam a agricultura mecanizada. O que significa a competitividade aqui?

O terceiro mito quer iludir-nos dizendo que o preço mundial é um critério pertinente para a orientação das produções. Isto não é verdade. O preço é determinado pelo preço do país exportador mais competitivo, adquirindo muitas vezes esse estatuto à custa da ajuda do Estado aos produtores. P.ex. o preço do leite é



determinado pela Nova Zelândia que só produz 1,63% da produção mundial; o preço do trigo é determinado pelo preço nos EUA que só produz 5,84% da produção mundial.

O quarto mito é de que o mercado constitui o motor do desenvolvimento económico. Mas como explicar então que a exportação maciça de cacau, arroz, bananas, carne, café, para o Norte não tenha melhorado a vida dos produtores do Sul?

E as patentes? O mercado não suporta que aquilo que é vivo se possa reproduzir livremente.

Código de conduta entre as empresas?

Taxa Tobin?

Fundação Cuidar o Futuro

Criar condições para a modificação dos padrões de consumo e dos esquemas de produção. Não é um problema moral mas técnico.

3. Os "global commons"

Florestas, água, clima, espaço

4. Engenharia genética

Novos mecanismos - "As instituições são as moradas das aspirações"



III PARTE - LIDERANÇA E GOVERNABILIDADE

A que novos paradigmas podemos recorrer para que a globalização não seja um caminho de destruição global?

Que forças novas, ainda não utilizadas, temos no mundo para que a governabilidade adquira um novo rosto?

A aposta que tem guiado toda a minha vida concentra-se na convicção de que as mulheres podem constituir uma força de radical transformação da irracionalidade institucionalizada em que vivemos.

Fundação Cuidar o Futuro

A sua liderança está na sequência directa das enormes transformações que tiveram lugar durante o séc. XX. E sobretudo na afirmação inequívoca da sua identidade própria, gerada pela cultura milenária das mulheres (um povo que veio de longe) e sustentada pela reflexão filosófica sobre a sua irredutível e inalienável capacidade de conceber, gerar e produzir a vida. Esta capacidade é um dado filosófico - capacidade de "dar à luz" - que se aplica a todas as mulheres independentemente do seu estatuto na sociedade. Transformar essa capacidade, conferir-lhe visibilidade e estatuto próprio é o primeiro passo para uma



liderança de mulheres que transborde para além dessa metade da humanidade.

Essa nova liderança se´r pois outra maneira de olhar a governabilidade e de se forjar colectivamente **uma nova política.**

É deliberadamente que em vez de elaborar agora uma nova teoria eu vou pedir emprestada a voz de três mulheres que descrevem cada uma à sua maneira como vêm a liderança das mulheres.

Impossível? Romântico? Sentimental? Não porque tudo isto só é possível com a persistência de quem nunca desiste. Por isso repito muitas vezes o que outra poetisa diz humildemente:

*... e no deserto cuidar
que alguma flor*

persista.

É a esse cuidar que vos convido. E tenho a certeza de que no deserto algumas flores persistirão.